

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

MARCOS AURÉLIO ALVES E SILVA  
(ORGANIZADOR)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Formação de professores:  
perspectivas teóricas e práticas na ação  
docente**

**3**

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Marcos Aurélio Alves e Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F723 Formação de professores [recurso eletrônico] : perspectivas teóricas e práticas na ação docente 3 / Organizador Marcos Aurélio Alves e Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-215-9

DOI 10.22533/at.ed.159202707

1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação.  
I. Silva, Marcos Aurélio Alves e.

CDD 370.71

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

O e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente” é uma obra composta por vários trabalhos com traços relevantes no que concerne a discussão da temática da formação de professores. Apresenta relatos que propiciam uma leitura convidativa que tange abordagens teóricas e práticas da formação inicial a formação continuada dos docentes.

Neste sentido, o livro tem como objetivo central em apresentar de forma clara, os estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. No segundo volume é contido escritos que abordam questões da profissionalização docente em seu âmbito de atuação com ênfase, em especial, as temáticas da tecnologia, inclusão, gestão, avaliação e política educacional. Ainda neste volume, é possível encontrar relatos que apontam para os cursos de formação de professores, a partir das práticas que nestes estão inclusas.

O terceiro volume é marcado de modo particular, por debates que enfatizam o professor nas várias modalidades de ensino e o construto de sua identidade enquanto profissional. Também é possível apreciar os trabalhos realizados na atuação do professor em sala de aula, diante dos recursos e metodologias que contribuem na dinâmica do processo de ensino-aprendizagem.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres, doutores e todos aqueles que de alguma forma se interessam pela temática da formação de professores. Possuir um material que discuta as questões relacionadas a essa temática é muito relevante, pois adentra nos aspectos da profissionalização de uma categoria marcada de características ao longo do tempo.

Deste modo o e-book “Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente 2 e 3” apresentam uma teoria bem fundamentada nos resultados obtidos pelos diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui são apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores expor e divulgar seus resultados.

Marcos Aurélio Alves e Silva

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL BASEADA NA HISTÓRIA DE VIDA	
Anaisa Alves de Moura Maria Suelane Pereira da Silva André Muniz de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: UM ESTADO DO CONHECIMENTO	
Ana Izabel da Silva Rosário Leonardo Alcântara Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS DA NATUREZA E A APRENDIZAGEM PARA AÇÃO SOCIOPOLÍTICA POR MEIO DE ANÁLISE DE QUESTÃO SOCIOCIENTÍFICA	
Katia Dias Ferreira Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: FERRAMENTAS METODOLÓGICAS ENVOLVENDO O ENSINO DE BIOQUÍMICA NO ENSINO MÉDIO	
Ananda Thaysse do Val Soares Francilayra Adelina da Silva Roseno Ana Beatriz Araújo Dantas Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda Francisco de Assis Diniz Sobrinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
APRENDIZAGEM EM <i>DOUBLE LOOP</i> : OS SABERES DOCENTES E A IMPORTÂNCIA DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO E DO CURRÍCULO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Pâmela Christina Gonçalves de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
CONTRIBUTOS DAS PESQUISAS DESENVOLVIDAS NO PPGEd/UFPI PARA A REFLEXÃO ACERCA DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Débora Nívea Ferreira de Sousa Reis Josania Lima Portela Carvalhêdo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
DA LUTA POR DIREITOS AO EXERCÍCIO DA CIDADANIA: EMBATES E DISCUSSÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA BAIXA MOGIANA	
Alex Barreiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027077</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>78</b>
DESAFIOS E POTENCIALIDADES DO PARFOR: REFLEXÕES A PARTIR DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES (AS) DE HISTÓRIA NA URCA	
Joaquim dos Santos Maria Arleilma Ferreira de Sousa Paula Cristiane de Lyra Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027078</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>90</b>
INCLUSÃO ESCOLAR DE EDUCANDOS COM TRANSTORNO DE DÉFICITE DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE EM ESCOLAS DE ENSINO REGULAR	
Raimunda Fernandes da Silva Souza Rozineide Iraci Pereira da Silva Diógenes José Gusmão Coutinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1592027079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>100</b>
LIDANDO COM A DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	
Rafaela Andréia Lopes Iury de Almeida Accordi Andréia Ambrósio-Accordi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.15920270710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>112</b>
MUDANÇAS NO PERFIL PROFISSIONAL DO PROFESSOR: BREVE HISTÓRICO	
Juliana Campos Francelino Flavinês Rebolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.15920270711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>122</b>
NARRATIVAS PEDAGÓGICAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Maria Cristina G. Fortes Renata C. O. Barrichelo Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.15920270712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>124</b>
O CONCEITO DE <i>PROFESSOR REFLEXIVO</i> COMO POSSIBILIDADE DE SOBREVIVÊNCIA PROFISSIONAL DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Cristiano Amaral Garboggini di Giorgi Andreia Cristiane Silva Wiezzel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.15920270713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>136</b>
O PAPEL DOS INSTITUTOS FEDERAIS NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR BACHAREL: CAMINHOS POSSÍVEIS COM AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PRA A FORMAÇÃO INICIAL E PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA EM NÍVEL SUPERIOR.	
Josenilda de Souza Silva Maria Célia Borges	
<b>DOI 10.22533/at.ed.15920270714</b>	

**CAPÍTULO 15 ..... 145**

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO INFANTIL E A ORGANIZAÇÃO NA ROTINA PEDAGÓGICA

Maria do Socorro de Resende Borges

**DOI 10.22533/at.ed.15920270715**

**CAPÍTULO 16 ..... 157**

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E ENSINO: UMA ANÁLISE DOS CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Camila Alvares Sofiati

Eduardo Henrique Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.15920270716**

**CAPÍTULO 17 ..... 170**

PRÁTICA DE RECURSOS HUMANOS: DINÂMICA DE RECRUTAMENTO E SELEÇÃO EM SALA DE AULA

Camila Mendonça Romero Sales

Diego da Silva Sales

Arthur Rezende da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.15920270717**

**CAPÍTULO 18 ..... 177**

PRÁTICA DOCENTE: DIRECIONAMENTOS PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO COM O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL/CEGUEIRA

Geisa Veregue

Miryan Cristina Buzetti

**DOI 10.22533/at.ed.15920270718**

**CAPÍTULO 19 ..... 187**

PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PROCESSO DE FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES

Josmaria Aparecida de Camargo

Hanny Paola Domingues

Sonia Maria Chaves Haracemiv

**DOI 10.22533/at.ed.15920270719**

**CAPÍTULO 20 ..... 197**

QUESTÕES SOCIOCIENTÍFICAS E AS DIMENSÕES CONCEITUAIS, PROCEDIMENTAIS E ATITUDINAIS: POSSIBILIDADES NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Luiza Olivia Lacerda Ramos

Emily Patrícia dos Santos Barbosa

**DOI 10.22533/at.ed.15920270720**

**CAPÍTULO 21 ..... 208**

TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES DOCENTES SOBRE INTERAÇÕES HUMANAS NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

Gilmar dos Santos Sousa Miranda

**DOI 10.22533/at.ed.15920270721**

**CAPÍTULO 22 ..... 219**

TROPEÇOS DA GESTÃO DEMOCRÁTICA NA GESTÃO EDUCACIONAL DA CIDADE DE SÃO PAULO (1989-2012)

Sandra Maria Sanches

**DOI 10.22533/at.ed.15920270722**

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>232</b>
UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA Maria das Dores de Freitas Soares Kyrleys Pereira Vasconcelos <b>DOI 10.22533/at.ed.15920270723</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>243</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>244</b>

## PRÁTICA DOCENTE: DIRECIONAMENTOS PARA O TRABALHO PEDAGÓGICO COM O ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL/CEGUEIRA

*Data de aceite: 01/07/2020*

**Geisa Veregue**

<http://lattes.cnpq.br/0850526221101557>

**Miryan Cristina Buzetti**

<http://lattes.cnpq.br/3077411745176722>

Para poder começar a entender sobre a deficiência visual, faz-se necessário entender sobre a maneira que enxergamos, segundo o dicionário a visão é o ato ou efeito de ver (AURELIO, 2002). É apenas um dos cinco sentidos que nos permite obter o conhecimento das diversas coisas que estão ao nosso redor.

O funcionamento da visão humana é complexo e tem o seu processo inicial nos olhos, passando por vários caminhos até chegar na retina, transcorrendo pelas vias ópticas e chegando até o cérebro. Quem realmente enxerga é o cérebro e qualquer alteração que ocorra no meio do caminho pode provocar uma deficiência visual (LIMA; NASSIF; FELIPPE, 2008).

Quando pensamos em deficiência visual, a maioria das pessoas remetem-se instantaneamente as pessoas com cegueira e esquecem da existência das pessoas com

baixa visão.

Vamos entender um pouco sobre esses dois grupos de pessoas com deficiência que chamamos de deficientes visuais.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde em 1972, no CID 10 - H54, as pessoas com cegueira apresentam acuidade visual entre 0 a 20/200, o que significa que enxergam a 20 pés (6 metros) o que uma pessoa sem deficiência enxergaria a 200 pés (60 metros), sendo ela apresentada no melhor olho e já com a melhor correção óptica, ou seja, fazendo uso dos recursos ópticos (óculos, lentes, etc) mais indicados.

A palavra cegueira leva o imaginário de muitos a assimilar com um mundo escuro e vazio. As pessoas com cegueira também tem cada qual a sua maneira de enxergar, dependendo muito da doença ocular que a cometeu e do seu resíduo visual. Algumas enxergam vultos, pontos de luz, contam dedos em uma determinada distância, no lugar de tudo enxergar tudo preto podem enxergar tudo branco ou claro demasiadamente (AMIRALIAN, 1997).

Para a classificação da baixa visão, é necessário apresentar acuidade visual de 20/200 a 20/70, sendo apresentada no melhor

olho e com a melhor correção óptica (Organização Mundial da Saúde, 1972 – CID 10 H530). Também temos os casos em que as pessoas perdem medidas de campo visual.

O campo visual é toda área que enxergamos sem mexer a cabeça, esse campo mede mais ou menos 180°, quando a pessoa não tem deficiência.

Para considerarmos pessoa com baixa visão é necessário apresentar redução de campo visual igual ou menor que 60°, podendo essa perda ser central ou periférica (LIMA; NASSIF; FELIPPE, 2008).

Perda periférica é a perda da fora da área da mácula (periferia da retina), onde a visão vai “fechando” de fora para dentro e restando somente o centro do olho com visão.

Essa visão é importante para a locomoção, principalmente a noite, pois ela percebe a presença dos objetos em movimento. Geralmente essa perda faz com que os deficientes visuais esbarrem com frequência em pessoas e objetos (OLIVEIRA; JOSÉ; SAMPAIO, 2000)

Essa perda de campo visual é mais difícil de ser percebida quando ela está em seu início, pois ela não restringe as atividades do nosso dia a dia. Pode ser causada por glaucoma, ceratocone, entre outras doenças oculares.

Já a perda central é facilmente notada, pois acontece na mácula, onde nos traz dificuldade para perceber detalhes, para realizar leitura de perto e de longe. Nesse caso o campo visual “vai fechando” de dentro pra fora. Uma das doenças que causam esse tipo de perda de campo visual é a degeneração macular (OLIVEIRA; JOSÉ; SAMPAIO, 2000).

Para o professor traçar o caminho que deverá seguir para desenvolver a aprendizagem do aluno com deficiência visual é necessário saber o tipo de doença que o acometeu, se essa perda foi gradual ou repentina, o período da vida que iniciou a perda da visão, pois se ele perdeu depois dos 4 anos de idade é provável que ele tenha alguma memória visual e essa memória pode ser uma grande aliada a sua aprendizagem .

Também é importante saber que muitos alunos com a mesma medida de acuidade visual, podem apresentar eficiência visual distintas, sendo assim, para a parte pedagógica, é significativo saber como o aluno utiliza a sua visão e não se prender na acuidade visual apresentada (AMIRALIAN, 1997)

Para entender um pouco mais sobre o deficiente visual, sugiro que você para por um momento a sua leitura e faça um simples exercício: feche os olhos e por um minuto e sinta tudo a sua volta e dentro de você.

Pronto!? Agora reflita, o que mudou em você? Você deixou de gostar de alguém? A mágoa que você sente, por ventura se acabou? Esqueceu de algo que aprendeu? Perdeu a vontade aprender algo do seu interesse?

Acredito que todas as suas respostas foram NÃO! Sabe por quê? Você ficou restrita sem um sentido, apenas isso!

E assim mergulhamos no universo das pessoas com deficiência visual e podemos

enxergá-los com um CORPO, corpo esse que possui os mesmos desejos e sentimentos que os nossos, limitado apenas por um órgão do sentido, digo “apenas”, por que temos os outros sentidos (olfato, tato, paladar, audição e cinestesia/propriocepção). Todos esses sentidos dá a possibilidade para o deficiente visual viver de uma forma bem próxima a nossa, desde que receba o estímulo adequado ao longo de sua vida.

Creio que é de suma importância citar o que vem a ser a cinestesia ou propriocepção, segundo Amorim; Alves (2008, p.22)

A propriocepção (que não é propriamente um sentido, mas a junção das várias sensações e percepções corpóreas que contribuem para o desenvolvimento do esquema corpora) necessita ser muito estimulada. Deve-se proporcionar condições para que a criança desenvolva a capacidade de conhecer o próprio corpo, saber sua posição e orientação, perceber a posição de cada parte do corpo em relação às demais, realizar qualquer atividade com uso de força adequado, etc.

É indiscutível que o sentido da visão é o mais utilizado pelas pessoas em nossa sociedade, podemos dizer que temos uma cultura de videntes e assim, sem perceber, criamos uma linguagem visual para descrever tudo que está ao nosso redor (MANSINI, 2007). Se alguém pedir para você descrever o por do sol, provavelmente encontrará dificuldades, pois não estamos acostumados a verbalizar com detalhes tudo o que vemos.

Essa linguagem visual pode ser a maior barreira no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência visual, pois ela não deixa a informação se consolidar.

## **O OLHAR ATENTO DO PROFESSOR**

O professor da sala regular deve estar atento a alguns sinais que o aluno pode apresentar em sala de aula que o direcionem para possíveis problemas visuais, como:

- Vesguear (principalmente quando os olhos estiverem cansados);
- Apresenta nistagmo (movimento involuntário dos olhos);
- Ter os olhos avermelhados, irritados ou lacrimejantes frequentemente;
- Apresenta as pálpebras caídas;
- Faz movimentos de cabeça para focar;
- Aperta e esfrega os olhos;
- Franze a testa para enxergar de perto ou de longe;
- Dificuldade para realizar seguimento de objeto;
- Fecha e tampa um dos olhos para realizar cópia da lousa;
- Levanta para ver o conteúdo escrito no quadro;
- Apresenta cautela excessiva ao andar;
- Tropeça e cai frequentemente;
- Faz aproximação excessiva do objeto que está sendo visto;
- Perde a sequência das linhas;
- dificuldade para leitura e escrita (omissão de palavras e troca de letras);



- Desatenção e falta de interesse;
- Cansaço visual;
- Dores de cabeça e tonturas freqüentes.

Adaptações e recursos materiais referentes as atividades para o aluno com baixa visão

O professor precisa saber se há a necessidade de ampliação de material e qual o tamanho ideal da fonte a ser utilizada. As fontes mais indicadas são a Verdana ou a Arial, por apresentar menos detalhes, o tamanho mais utilizado pela maioria dos alunos com baixa visão é o 24, porém esse tamanho varia podendo chegar no tamanho 72.

## Baixa Visão

Times New Roman

## Baixa Visão

Verdana

(Observe a diferença das letras)

Se o aluno precisar de contraste, não adianta o professor pegar uma caneta convencional e fazer a letra grande, ela deverá ser feita no canetão.

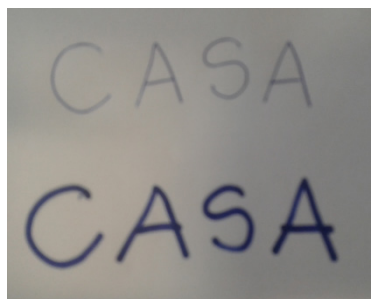


Figura 1: demonstração da diferença do traçado

Fonte: arquivo pessoal da autora

As figuras utilizadas em atividades devem ser ampliadas e não podem apresentar muito detalhes, devendo ter o seu contorno engrossado.

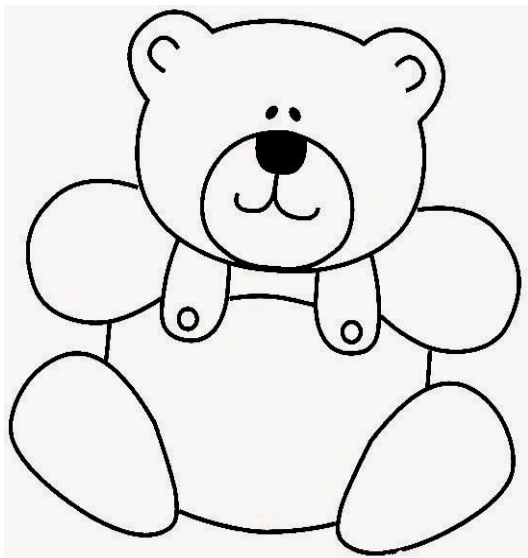


Figura 2: Urso sem detalhes

<https://www.pinterest.ie/pin/778348748069338864/>



Figura 3: Urso com detalhes

<https://www.vix.com/pt/bdm/artesanato/939/riscos-de-ursos-para-pintura-em-tecido>

Seguindo os exemplos das figuras acima, podemos observar que a figura 2 não possui detalhes e está com o seu contorno mais grosso, ou seja, apresenta alto contraste, duas características que potencializam o reconhecimento da figura para a pessoa com baixa visão.

Quando o aluno não conseguir se manter na linha ou não estiver conseguindo ler o que escreveu, é aconselhável o uso do caderno com pauta mais larga e escurecida, o que chamamos caderno com pauta ampliada.

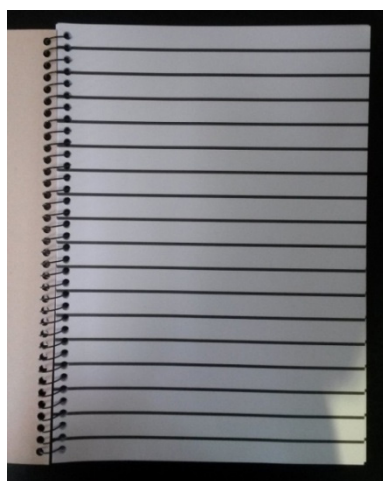


Figura 4: Caderno com pauta ampliada

Fonte: arquivo da autora

A escrita com caneta esferográfica preta e com o lápis 6B ou 4B, também é um recurso indicado para o aluno que necessita de alto contraste.

O plano inclinado é um recurso material muito utilizado, pois aproxima o material

de leitura para perto dos olhos, fazendo com que o aluno com baixa visão mantenha uma postura adequada, sem ter que se curvar para realizar a leitura.

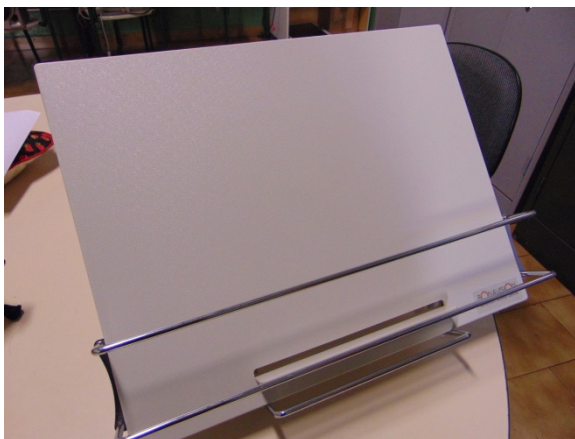


Figura 5: Plano inclinado

Fonte: arquivo da autora

## ADAPTAÇÕES REFERENTES AO USO DA LOUSA PARA O ALUNO COM BAIXA VISÃO

Para o aluno que apresenta baixa visão com acuidade suficiente para realizar a cópia da lousa, o professor deve realizar algumas estratégias como: manter o aluno sentado na primeira carteira no meio da sala, para que a distância entre os extremos da lousa seja menor.

A letra mais aconselhável a ser utilizada na lousa pelo professor é a bastão, pois a diferença apresentada entre os caracteres é maior (LIMA; NASSIF; FELIPPE, 2008). Observam as letras M/N e A/O escritas em letra cursiva, a diferença entre os caracteres é mínima, na maioria das vezes, o olho do aluno com baixa visão não conseguirá fazer essa distinção.

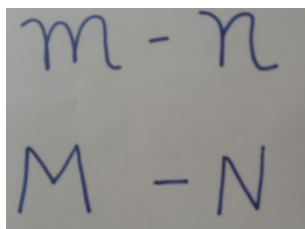


Figura 6: Letra bastão

Fonte: Arquivo pessoal da autora

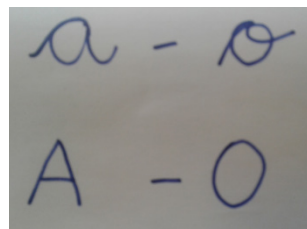


Figura 7: Letra cursiva

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Se a lousa utilizada for da cor verde e o seu aluno com baixa visão necessitar de alto contraste, o giz utilizado deverá ser o amarelo ou o laranja. Se a lousa for branca, a cor da caneta deverá ser a preta ou a azul. O reflexo solar também precisa ser evitado, pois

ele diminui o contraste do que está sendo escrito.

O aluno com baixa visão, geralmente precisa de um tempo maior para a realização da cópia na lousa, é importante o professor oferecer esse tempo, uma sugestão é mesclar a cópia com a explicação. Se for necessário, permitir que o aluno levante e se aproxime da lousa (LIMA; NASSIF; FELIPPE, 2008).

Se a acuidade visual do aluno restringir o uso da lousa para cópia, o professor deve apresentar o conteúdo para o aluno realizar cópia de perto, podendo ser o xerox (se o aluno não precisar de ampliação) ou o xerox ampliado (se houver necessidade de ampliação).

## **POSTURA DO PROFESSOR DIANTE AO ALUNO DE BAIXA VISÃO**

Cabe ao professor estimular o uso dos materiais óticos (óculos, lupa, monóculo, etc) e não óticos (plano inclinado, caderno com pauta ampliada, caneta hidrográfica, etc), pois muitas vezes o aluno pode se recusar a fazer uso dos mesmos, por se tratar de materiais diferentes ao uso comum.

Durante as explicações, o professor não pode esquecer que está acostumado a utilizar uma linguagem visual, linguagem esta que não cabe dentro da sala de aula onde encontra-se o aluno com deficiência visual, sendo assim, o professor deve contemplar descrições sobre o que está sendo tratado, descrever as imagens e quando possível oferecer a manipulação de objetos.

## **A CEGUEIRA E A APRENDIZAGEM**

É fato que todas as pessoas aprendem através de modelos, para a criança vidente entender que utilizamos o pente para pentear os cabelos, basta ela olhar e imitar; para saber que utilizamos os talheres para nos alimentar, ela olha e tenta levar a colher até a boca; para conhecer a postura que utilizamos para sentar, ela também observa e imita. A criança cega não vê nenhuma dessas ações, portanto, não consegue imitar, sendo assim necessário ensiná-la.

Essa ausência de modelo visual faz com que a criança cega dependa muito da pessoa que está ensinando-a, seja ela um familiar ou um profissional, ela fica dependente da qualidade da informação que lhe é transmitida (descrição minuciosa e correta) e da quantidade dessa informação (descrição do todo ou somente de uma parte). (AMORIM; ALVES, 2008)

Por esse motivo é muito importante que o professor realize uma avaliação pedagógica inicial, pois só assim conseguirá intervir de forma adequada, dentro das reais necessidades do aluno.

## O TATO, A AUDIÇÃO E A CEGUEIRA

É muito comum ouvirmos que a audição e o tato da pessoa cega é mais aflorado do que os das pessoas videntes, como se em um passe de mágica esses sentidos se desenvolvessem automaticamente. Como professores devemos ter claro que essa informação não passa de um senso comum e é uma inverdade. Tanto o tato quanto a audição precisam ser adequadamente estimulados.

### Tato

Quando falamos em desenvolvimento da apreensão para os alunos videntes, temos como objetivo desenvolver uma boa coordenação viso motora (mão e olho agindo para um determinado fim), pego a colher (que já estou vendo) e levo até a boca. Já quando pensamos no desenvolvimento da apreensão para os alunos cegos, temos que ter como objetivo a estimulação bi manual, que é a execução (pegar a colher) juntamente com a percepção (reconhecer que é uma colher que está em sua mão). O tato impõe que a percepção da realidade seja feita em partes, o que causa lentidão na aprendizagem (AMORIM; ALVES, 2008).

### Audição

Através da audição o aluno com cegueira controlará o ambiente, captando informações sobre distância e direção, para que isso seja possível é necessário um processo de ensino e aprendizagem, focando na atenção para os diferentes estímulos auditivos. A audição aliada ao tato será a porta aberta para o desenvolvimento do aluno cego (AMORIM; ALVES, 2008).

### O olfato, o paladar e a cegueira

O sentido do olfato auxiliará na alimentação, na higiene do corpo e do espaço e é uma ferramenta extra na orientação espacial do aluno cego, pois identifica através dele o cheiro de uma padaria e de um açougue por exemplo.

Já o sentido do paladar é restrito somente a alimentação, fornecendo informações sobre gosto, textura, consistência e temperatura do alimento.

## A PROPRIOCEPÇÃO OU CINESTESIA E A CEGUEIRA

Necessita de muito estímulo, pois desenvolve a capacidade de conhecer o próprio corpo e de saber a posição de suas partes no espaço, também desenvolve a capacidade do uso adequado da força, permite o equilíbrio corporal e a manutenção de posturas, fazendo o ajuste automático sem maiores esforços (AMORIM; ALVES, 2008).

Para estimular esse sistema, ofereça atividades que envolvam o pular, sensações de peso, o puxar, o empurrar e sensações de pressão, assim você estará auxiliando o

desenvolvimento do seu aluno cego.

## O SISTEMA BRAILE

O sistema braile surgiu na França em 1825, criado por Louis Braille. Ele é um código de escrita e de leitura tátil universal, utilizado pelas pessoas cegas (SANDES, 2009).

Esse sistema consta de um arranjo de seis pontos em relevo, dispostos na vertical, em duas colunas de três pontos cada. Os seis pontos formam a “cela braile”. Para facilitar a identificação os pontos são numerados da seguinte forma:

1	4
2	5
3	6

Figura 8: Cela braile

Fonte: arquivo pessoal da autora

Para escrever o braile é utilizado a reglete e punção, que substituem o caderno e o lápis utilizado pelos alunos videntes.

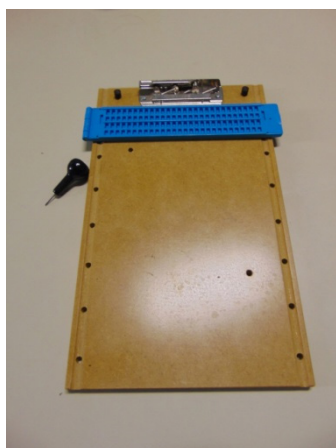


Figura 9: Reglete e punção convencional

Fonte: Arquivo da autora

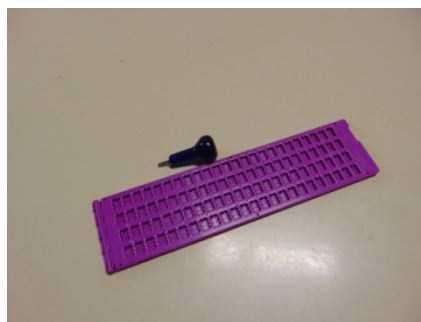


Figura 10: Reglete e punção positiva

Fonte: Arquivo da autora

A reglete convencional foi criada pela mesma pessoa que criou o sistema de escrita braile, ou seja, Louis Braille, na época isso facilitou muito a aprendizagem de leitura e escrita das pessoas cegas, porém com esse instrumento, os caracteres são escritos de forma espelhada, ou seja, são escritos em baixo-relevo, para quando a folha for virada

os pontos estarem em alto-relevo, possibilitando assim, a realização da leitura tátil. Com todo esse processo o aprendizado do sistema braile gera uma certa dificuldade, tanto para as pessoas cegas, quanto para as pessoas videntes que se interessam em aprender o sistema.

Notando uma possibilidade de simplificar o processo, foi desenvolvida a reglete positiva com o apoio do Programa Fapesp Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresa (Pipe), coordenado pela Aline Piccoli Otalara, onde a escrita do sistema braile é realizada em alto-relevo, não necessitando mais do espelhamento de caracteres, reduzindo assim o tempo em até 60% no aprendizado de leitura e escrita do sistema braile.

## REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lúcia T. M. **Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

AMORIM, Célia Maria Araújo; ALVES, Maria Glicélia. **A criança cega vai à escola**. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2008.

AURELIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4ª edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7ª impressão - Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL, **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos cegos e de alunos com baixa visão**. [2.ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. – Brasília: MEC, secretaria de Educação Especial, 2006.

LIMA, Eliana Cunha; NASSIF, Maria Christina Martins; FELIPPE, Maria Cristina Godoy Cruz. **Convivendo com a baixa visão: da criança pessoa idosa**. São Paulo: Fundação Dorina Nowill para Cegos, 2008.

MANSINI, ELCIE F. SALZANO. **A pessoa com deficiência visual**. São Paulo: Vetor, 2007.

OLIVEIRA, Regina Carvalho de Salles; KARA-JOSÉ, Newton; SAMPAIO, Marcos Wilson. **Entendendo a baixa visão: orientação aos professores**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Especial, 2000.

SANDES, Liziane Fernandes. **A leitura do deficiente visual e o sistema Braille**. Salvador, 2009.

SIAULYS, Mara Olimpia de Campos. **A inclusão do aluno com baixa visão no ensino regular**. São Paulo: Laramara – Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, 2009.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ação Sociopolítica 23, 24, 25, 33, 34

### C

Ciências Biológicas 10, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 49, 57, 84

Currículo 12, 17, 23, 35, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 67, 80, 81, 108, 116, 117, 119, 127, 128, 131, 132, 140, 149, 151, 152, 158, 159, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 176, 190, 191, 193, 195, 200, 201, 218, 220, 225, 227, 230, 240, 243

### D

Diretrizes Curriculares 10, 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 67, 86, 127, 134, 136, 137, 138, 141, 151, 154, 155, 188, 195, 238, 241

Diversidade 12, 55, 59, 72, 73, 74, 75, 76, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 146, 152, 189, 208, 225, 240

Docência 12, 13, 15, 17, 20, 21, 25, 27, 35, 36, 38, 46, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 60, 64, 65, 68, 86, 89, 127, 129, 132, 134, 136, 137, 138, 140, 141, 144, 145, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 189, 190, 195, 196, 238, 239, 241, 243

Double-Loop 49, 50, 57

### E

Educação Básica 18, 19, 20, 26, 36, 37, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 73, 78, 79, 95, 100, 102, 104, 115, 117, 122, 134, 137, 138, 139, 141, 142, 143, 145, 150, 152, 163, 165, 195, 198, 226, 230, 235, 236, 238, 240

Educação de Jovens e Adultos 187, 188, 189, 191, 194, 195

Educação Infantil 46, 47, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 163

Educação para Cidadania 197

Educação Superior 12, 17, 57, 138, 139, 140, 143, 144, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169

Ensino-Aprendizagem 8, 13, 29, 37, 38, 40, 46, 54, 84, 86, 88, 138, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 168, 175, 176, 189, 211, 212, 227

Ensino de Ciências e Biologia 47, 197

Ensino de História 78, 88, 89

Ensino Regular 41, 90, 92, 96, 97, 118, 186



## F

Formação Continuada 3, 14, 50, 51, 67, 98, 136, 137, 138, 141, 143, 172, 190, 193, 223, 227, 232, 234, 236, 237, 238, 240, 241

Formação Docente 10, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 29, 32, 34, 35, 36, 38, 54, 57, 60, 64, 65, 67, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 114, 121, 122, 140, 142, 168, 187, 232, 234, 236

Formação Inicial 3, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 33, 47, 50, 51, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 123, 131, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 187, 190, 194, 234, 237, 239, 240, 241, 242

## H

Histórias de Vida 1, 2, 3, 8, 9

## I

Identidade Profissional 1, 2, 61, 79, 128, 234, 235, 239

Inclusão 19, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 112, 113, 115, 118, 121, 152, 161, 165, 166, 168, 179, 186, 225

Institutos Federais 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 170

Instrumentos de Ensino 37

## M

Mostra Científica 37, 38, 40, 42, 43, 44, 45

## O

Organização Curricular 157, 158, 159, 160, 161, 162, 167, 237

## P

PARFOR 15, 18, 19, 20, 22, 68, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 88, 89

Política Educacional 124, 134, 137, 219, 220, 222, 223, 224, 227, 228, 230

Políticas Públicas 10, 11, 13, 16, 18, 20, 72, 73, 94, 98, 106, 124, 127, 128, 134, 143, 187, 194, 195, 199, 230, 243

Prática Docente 19, 37, 49, 51, 54, 56, 85, 90, 102, 108, 110, 121, 125, 127, 130, 152, 164, 165, 166, 169, 177, 187, 189, 200, 206, 209, 214, 234, 237

Professor Bacharel 136, 137, 138, 140, 141, 143

Professor Reflexivo 17, 34, 114, 124, 125, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 234, 237, 242

Profissão Docente 13, 32, 51, 60, 61, 112, 131, 135, 233, 234, 241, 242

Projeto Político-Pedagógico 49

## Q

Questões Sociocientíficas 23, 24, 35, 197, 199, 201, 202, 204, 205, 206

## R

Recursos Humanos 170, 176

Reformas Educacionais 126, 219, 220, 230, 235

Rotina Pedagógica 145, 146, 153

## T

TDAH 90, 94, 95, 96, 98

Tecnologia 10, 21, 23, 25, 27, 28, 34, 36, 115, 137, 139, 140, 142, 143, 158, 165, 168, 169, 173, 199, 200, 201, 202, 205, 208, 209, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 243

Teoria Queer 100, 103, 111

Trabalho do Professor 26, 31, 113, 130, 145, 146, 156, 193, 242

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

**Atena**  
Editora

Ano 2020

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES: PERSPECTIVAS TEÓRICAS E PRÁTICAS NA AÇÃO DOCENTE 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 